



COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 26, n. 1, p. 1-12, jan.-dez. 2025
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2025v26i1:e69323>

Um palpite sobre o enigma de Schultes

A guess at the Schultes riddle

João Mateus Cunha

Diniz Arantes*

joamateusdiniz@gmail.com

Anderson Vinícius Romanini**

vinicius.romanini@usp.br

Angélica Patricia

Rodríguez Vargas***

anrodriguezva@unal.edu.co

Resumo: Entre 1941 e 1953, Richard Evans Schultes, considerado o principal nome da etnobotânica, realizou intensa pesquisa de campo entre comunidades indígenas na Amazônia colombiana, peruana e brasileira. Durante esse período, catalogou mais de 1.200 novas espécies botânicas e investigou profundamente os usos culturais e medicinais de plantas com potencial de alteração da consciência. Seu principal interesse de estudo esteve relacionado à *Banisteriopsis Caapi*, uma videira nativa usada na preparação da Ayahuasca. Em um artigo de 1986, Schultes relatou um enigma intrigante: como os informantes indígenas conseguiam identificar, à distância e sem hesitação, o quimiotipo de diferentes variantes dessa espécie? Neste trabalho, examinamos o enigma de Schultes sob a perspectiva da filosofia da cognição, especialmente a partir das contribuições de Kant e Peirce. Propomos um roteiro investigativo que, através da análise de conceitos-chave da proposta filosófica destes dois autores, nos permita especular possíveis hipóteses para resolução do enigma. No decorrer deste roteiro, consideramos diferentes abordagens sobre a cognição humana, a estética, as possibilidades de expansão cognitiva por meio de artefatos biológicos e divergências e convergências de diferentes concepções epistemológicas. Como conclusão, propomos que, no contexto analisado, a Ayahuasca pode ter sido utilizada por nativos ameríndios como artefato cognitivo com potencial de ampliação das capacidades perceptivas. Assim, em nossa abordagem, o enigma de Schultes se revela não apenas como um desafio etnobotânico, mas como a porta de entrada para a investigação de questões mais amplas sobre o conhecimento humano e suas possibilidades.

Palavras-chave: Artefatos Cognitivos. Estética. Etnobotânica. Kant. Peirce.

Abstract: Between 1941 and 1953, Richard Evans Schultes, considered the foremost figure in ethnobotany, conducted extensive field research among indigenous communities in the Colombian, Peruvian, and Brazilian Amazon. During this period, he cataloged over 1,200 new botanical species and deeply investigated the cultural and medicinal uses of plants with consciousness-altering potential. His main area of study focused on *Banisteriopsis Caapi*, a native vine used in the preparation of Ayahuasca. In a 1986 article, Schultes reported a puzzling mystery: how could indigenous informants identify, from a distance and without hesitation, the chemotype of different variants of this species? In this paper, we examine Schultes' enigma from the perspective of the philosophy of cognition, particularly through the contributions of Kant and Peirce. We propose an investigative framework that, through the analysis of key concepts from these two philosophers' proposals, allows us to speculate on possible hypotheses for solving the enigma. Along this framework, we consider different approaches to human cognition, aesthetics, the possibilities of cognitive expansion through biological artifacts, and the divergences and convergences of different epistemological conceptions. In conclusion, we propose that, in the context analyzed, Ayahuasca may have been used by Amerindian natives as a cognitive artifact with the potential to enhance perceptual abilities. Thus, in our approach, Schultes' enigma reveals itself not only as an ethnobotanical challenge but as a gateway to investigating broader questions about human knowledge and its possibilities.

Keywords: Aesthetics. Cognitive Artifacts. Ethnobotany. Kant. Peirce.

Recebido em: 02/12/2024.

Aprovado em: 04/05/2025.

Publicado em: 03/07/2025.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

* Universidade Federal
de Juiz de Fora.

** Universidade de São Paulo.

*** Universidad Nacional
de Colombia.

1 Introdução

O botânico norte-americano Richard Evans Schultes, uma das figuras mais influentes da etnobotânica do século XX, realizou, em sua prolífica carreira, investigações que transcenderam as barreiras do conhecimento botânico convencional, explorando, principalmente, as complexas relações entre diversas espécies vegetais e diferentes culturas indígenas da Amazônia. Formado em Harvard, em 1941, Schultes viajou para a Amazônia colombiana com uma bolsa da Academia Nacional de Ciências para estudar o curare, composto orgânico que recentemente havia ganhado importância médica como relaxante muscular. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi instruído a continuar na região para investigar os potenciais usos medicinais das seringueiras. Ao todo, Schultes permaneceu doze anos contínuos em diferentes partes da Amazônia, realizando trabalho de campo com inúmeras comunidades indígenas locais.

Durante esse período, catalogou mais de 1200 novas espécies botânicas e desenvolveu um profundo interesse pelos usos culturais e medicinais de plantas com potencial de alteração da consciência. Ao retornar para os Estados Unidos, apesar de seu ceticismo e conservadorismo, teve um papel definitivo na popularização dessas substâncias (Hofmann; Schultes, 1979; Schultes; Raffauf, 2004; Schultes, 1976) que recentemente vem sendo cientificamente agrupadas através do termo genérico de *psicodélicos clássicos* (Carhart-harris; Goodwin, 2017).

Já em um momento tardio de sua carreira, em um pequeno artigo intitulado *Recognition of variability in wild plants by Indians of the Northwest Amazon: an enigma* (1986), Schultes descreveu o que seria um enigma sem solução relacionado a uma experiência recorrente em sua pesquisa de campo. No texto, o autor relata uma habilidade especial dos indígenas da Amazônia para identificar diferentes tipos de videira de *Banisteriopsis Caapi*, entre outros nomes popularmente conhecida como Ayahuasca, à distância, sem necessidade de provar, cheirar ou tocar os cipós. Segundo o autor, o cipó era classificado de acordo com o tipo de visão induzida pelo médico tradicional e seu propósito. O enigma apresentado por Schultes se relacionava ao fato dos informantes nativos poderem identificar visualmente o quimiotipo da variante e nomeá-lo sem hesitação, erros ou dúvidas. Essa consistência era ainda mais enigmática quando esses informantes vinham de diferentes etnias e localidades distantes entre si.

Neste trabalho, propomos uma investigação sobre o enigma de Schultes a partir de uma perspectiva que integra elementos da filosofia da cognição, principalmente a partir das contribuições de Immanuel Kant e Charles Sanders Peirce. Kant (2015), em sua *Crítica da Razão Pura*, propôs que o conhecimento humano é mediado por estruturas cognitivas *a priori* que organizam a experiência sensível. Neste sentido, a percepção humana da realidade é necessariamente filtrada por categorias transcendentais que a impedem de acessar diretamente o objeto final de conhecimento, ou a coisa-em-si.

Peirce (1931-1935), por outro lado, oferece uma crítica inovadora ao kantismo ao propor uma visão mais dinâmica e integrada do conhecimento, na qual a cognição humana é parte de um *continuum* de processos naturais mais amplos. Por meio de conceitos fundamentais de sua obra, como o Sinequismo e a Razoabilidade, Peirce desafia a perspectiva kantiana, ao propor que a realidade é fundamentalmente relacional e que os processos cognitivos não estão restritos às categorias *a priori*, mas são, em grande parte, moldados por interações contínuas e evolutivas com o ambiente.

Partindo dessas perspectivas, especulamos possíveis soluções para o enigma de Schultes. Sugerimos que a Ayahuasca pode ser entendida como um artefato cognitivo biológico, alinhados ao conceito de Clark (1997, 1998, 2003) que defende que processos cognitivos podem se estender além da mente e do cérebro – ideia já antecipada por Peirce há mais de cem anos (Queiroz, 2021). Esses artefatos cognitivos permitiriam a expansão das percepções sensoriais, base da cognição na perspectiva triádica peirciana, possibilitando uma expansão das faculdades lógicas e a conceitualização de aspectos da realidade talvez inacessíveis a outras mentes.

2 A pista kantiana

Em sua Crítica da Razão Pura, Kant questiona: “como os juízos sintéticos *a priori* são possíveis?” (B72). Essa questão, central em sua filosofia, explora a possibilidade da emergência de certezas apodíticas a partir dos âmbitos da sensibilidade e estabelece as bases para uma filosofia exata, ligada à matemática e às ciências puras (Kaag, 2014). Em última instância, com essa questão, Kant estava explorando os processos que tornam possíveis que nós, humanos, possamos extrair conceitos gerais, cognoscíveis e compartilháveis do emaranhado não organizado de elementos sensíveis que nos chegam pelo contato com as coisas do mundo.

No contexto do enigma investigado, podemos, a partir do questionamento de Kant, pensar: como e por que os nativos sul-americanos e o etnobotânico ocidental acessaram, sensível e empiricamente, coisas disponíveis no mundo – neste caso, espécies botânicas – e extraíram, processaram ou criaram significados práticos radicalmente inacessíveis para uma das partes?

Sugerimos que o caminho para explorar a possível resposta para essa questão parte dos conceitos que sustentam a hipótese dos juízos sintéticos *a priori*. A teoria da cognição de Kant classifica as representações em intuições e conceitos. As intuições são as formas pelas quais os objetos são dados a nós, relacionadas à sensibilidade. Os conceitos são representações mediatas que sintetizam as intuições e são produzidos pelo entendimento. Juntos, intuições e conceitos, permitem a formação de juízos sintéticos e analíticos (B11).

Nos juízos analíticos, o predicado está contido no sujeito, não ampliando nosso potencial conhecimento sobre as coisas do mundo. Por exemplo, “todos os nativos sul-americanos nasceram na América do Sul” é um juízo analítico. Já os juízos sintéticos ampliam o nosso conhecimento sobre o mundo ao adicionar novas informações que não estão contidas no sujeito. Os Juízos Sintéticos podem ser desenvolvidos *a posteriori*, derivados da experiência, ou *a priori*, independentes da experiência sensível (B14-B15).

No enunciado “nativos sul-americanos podem identificar até 12 espécies diferentes de *Banisteriopsis Caapi* à distância” temos um juízo sintético, pois o predicado “capacidade de identificação de espécies botânicas” não está contido no sujeito “nativos sul-americanos”, e um juízo *a posteriori*, pois a capacidade dos nativos sul-americanos só pode ser conhecida através da experiência sensível que antecede a enunciação do juízo (B14).

Agora, tomemos como exemplo o resultado da soma “7 + 5”. Neste exemplo temos um Juízo Sintético, pois a soma de 7 e 5 não está contida explicitamente nos conceitos de 7 e 5 ou no conceito de adição e, no entanto, o resultado, 12, amplia nosso conhecimento sobre o mundo. Agora, porém, o juízo é *a priori*, pois o resultado da soma pode ser conhecido independente da nossa experiência sensível ou empírica do mundo (B15).

Para que juízos sintéticos *a priori* sejam possíveis, é necessário haver categorias universais que organizam as experiências sensíveis em classes reconhecíveis. Kant desenvolve a Estética Transcendental para explicar as formas puras da intuição – espaço e tempo – e a Analítica Transcendental para explicar como os conceitos *a priori* – as categorias do entendimento – como causalidade e substância, estruturam as intuições sensíveis (B37).

Para Kant (1970), o mundo é inacessível em si mesmo. As experiências sensíveis são organizadas pelas categorias *a priori*, impedindo o contato direto com as coisas-em-si (B63). A percepção empírica (sensibilidade) e a razão (entendimento) são faculdades distintas, mas ambas dependem destas categorias, que são exclusivamente humanas e necessárias para organizar a experiência.

Kant (1970) chamou sua solução para o problema da assimilação e compreensão dos elementos sensíveis do mundo de “Revolução Copernicana” da filosofia (BXXII) pois ela inverte a relação cognitiva tradicional entre sujeito e objeto. Neste sentido, a partir da proposta kantiana, o conhecimento humano não se conforma aos objetos, mas os objetos se conformam às formas de conhecimento humanas,

organizadas pelas categorias *a priori*. Essa mudança estabelece o Idealismo Transcendental, que é um fundamento significativo da filosofia moderna.

O enigma de Schultes parece se relacionar diretamente com a solução proposta por Kant para a questão dos Juízos Sintéticos *a priori*. Retomando o enigma sob a perspectiva do transcendentalismo kantiano, podemos voltar a descrever o cenário apontado por Schultes como: as categorias transcendentais fundamentais, comuns a todos os humanos, possibilitam que tanto um etnobotânico ocidental, quanto nativos sul americanos, organizem as informações sensíveis que chegam até eles pelo contato mediado com o mundo e permite que ambos elaborem conceitos racionais a respeito das características de qualidade, quantidade, relação e modalidade de dada espécie botânica, gerando, assim, um conhecimento adicional sobre estas mesmas espécies.

No entanto, neste ponto, a pista deixada por Kant nos leva, mais uma vez, a um questionamento até agora intransponível. Como os nativos sul-americanos enxergaram – ou, para já adiantarmos um pouco da nossa hipótese, acessaram sensivelmente – qualidades do mundo que eram inacessíveis para Schultes? Como eles identificaram variedades de *Banisteriopsis Caapi* a partir de informações sensíveis que permaneceram ocultas ao etnobotânico se as condições de síntese *a priori* de acesso a essas informações eram as mesmas? A seguir, argumentamos que três características do pensamento kantiano parecem impedir que possamos encontrar uma solução satisfatória para este questionamento: o dualismo, o antropocentrismo e o nominalismo.

Kant (1970) estrutura sua filosofia em categorias fixas e contrastantes como “sensibilidade” e “entendimento”, “fenômenos” e “númenos”, em um esforço para preservar a objetividade de sua base epistemológica e a apoditicidade de seu sistema. Esta certeza apodítica, contudo, não pode ser acessada através do mundo da experiência diretamente e está constantemente ameaçada pela confusão da observação empírica. Isto porque, conceitos puros são, necessariamente, não empíricos e a observação empírica não é pura. Explorando uma perspectiva crítica a este dualismo, Kaag vai dizer que, ao separar estes dois domínios cognitivos com linhas tão rígidas, Kant se afasta do mundo empírico, o mesmo mundo que deveria ser a fundamentação para todo a sua arquitetura filosófica: “mais uma vez, a contradição dos julgamentos sintéticos *a priori* mostra a sua face feia”¹ (Kaag, 2014, p. 517, tradução própria).

O dualismo kantiano se desdobra, também, na divisão entre o homem e o mundo. Como já vimos, a realidade, para Kant, não apresenta as condições para a sua própria inteligibilidade. Neste sentido, Romanini (2018, p. 20) aponta que “as impressões de sentido são ininteligíveis em si mesmas, puro noumeno, mas ganham inteligibilidade graças ao trabalho da mente humana, que as guindam para a dimensão do fenômeno e da análise crítica”. Kaag (2014) escreve que Kant segue o exemplo de Hume ao restringir a unidade epistemológica *a priori* ao domínio da mente humana. Como vimos, a revolução copernicana empreendida por Kant lega ao homem a medida de todas as coisas e confere a ele a “legislação suprema da natureza” (A127).

A consequência desta legislação é o nominalismo. O sistema Kantiano é nominalista no sentido em que não reconhece os universais como reais, mas como atributos do pensamento. Por isso, o que dá forma à realidade é o sujeito, detentor do atributo de universalidade (Salatiel, 2020).

A obra de Kant é, portanto, um diálogo não somente com a metafísica tradicional, mas com a física de Newton, que deixou a herança de um universo absolutamente ordenado sob leis imutáveis que poderiam descrever toda a história por meio da sucessão temporal de causa e efeito. É a ordem da razão do sujeito que se impõe ao universo (Salatiel, 2020). Nossa investigação nos leva a pensar que Schultes não conseguiu desvendar o enigma dos nativos sul-americanos porque estava, mesmo que de forma não consciente, olhando para ele através das lentes kantianas: duas lentes antagônicas limitadas aos olhos humanos.

1 Once again, the contradiction of synthetic *a priori* judgments rears its ugly head.

3 A pista peirceana: um palpite sobre o enigma

Em 1887, quase cem anos antes de Schultes escrever sobre seu mistério ocular, outro cientista estadunidense, Charles Sanders Peirce, explorou, em um de seus textos seminais, um palpite para a resolução de um outro enigma. No entanto, assim como o etnobotânico, em *A Guess At The Riddle*, Peirce estava ocupado com questões relativas à natureza da realidade e os princípios da cognição.

Toda proposta filosófica de Peirce acontece em constante diálogo com os princípios kantianos dentro de uma lógica de distanciamento gradual em direção a maturação de seu Pragmatismo. No texto em questão, mais especificamente, Peirce está bastante empenhado em dar cabo a iniciativa de síntese de tradições iniciada por Kant ao propor uma revisão criativa de conceitos que pudesse extrair o melhor das tradições filosóficas alemã e britânica sem perder de vista as conquistas científicas mais recentes de sua época.

Neste sentido, Peirce conclui que o começo de qualquer empreitada filosófica e científica deveria ser guiado por um esforço genuíno para revelar e categorizar as classes naturais observáveis diretamente, ou seja, o ponto de partida desta empreitada deveria ser a fenomenologia e toda base fenomenológica de Peirce parte dos esforços normativos kantianos. Peirce reforça que sua proposta de lista analítica “desenvolveu-se originalmente do estudo da tabela de Kant” (CP 1.300, tradução própria). A tabela citada é encontrada no início da Análise Transcendental da *Crítica da Razão Pura* e é crucial pois representa justamente a tentativa de Kant de trazer unidade analítica à variedade de representações do julgamento (Kaag, 2014).

Após apresentar pela primeira vez, em *On a New List of Categories*, de 1867, sua própria lista de categorias universais – Primeiridade, Secundidade e Terceiridade – em *A Guess at the Riddle*, Peirce fornece uma descrição detalhada destas categorias, explorando como elas se manifestam em diferentes áreas do conhecimento, incluindo a lógica, a metafísica, a psicologia e a biologia. Neste texto, Peirce consolida a estrutura tricotômica da realidade como concepção central de seu pensamento e como estrutura fundamental que permeia todos os aspectos da existência e da cognição.

Peirce, que em *A Guess at the Riddle* considerava Kant “o Rei do pensamento moderno” (CP 1.369, tradução própria), o “herói da filosofia” (CP 1.374, tradução própria), e que podia quase citar a Crítica de cor (CP 1.560), já em *On a New List*, também reconhecia que Kant havia sido “apressado, superficial, trivial e até insignificante” na definição de sua tábua de juízos, simplesmente por ignorar a lógica escolástica (CP 1.560, tradução própria). A esta altura, Peirce passou a considerar o trabalho de Kant antiquado e distante de uma leitura mais orgânica, ativa e pragmática da ontologia e da epistemologia (Kaag, 2014).

Em 1902, no início da fase madura de sua proposta filosófica, Peirce escreveu que quando era um bebê na filosofia se alimentou do trabalho de Kant, mas que com o tempo passou a desejar algo mais “substancial” (CP 2.113). Em 1905, o autor afirmou finalmente que “o presente autor [isto é, o próprio Peirce] era um kantiano puro até ser forçado, por etapas sucessivas, ao pragmaticismo” (CP 5.452, tradução própria).

Este gradual distanciamento de Kant se relaciona ao abandono definitivo de Peirce de qualquer resquício nominalista para fundar um realismo moderado escolástico (Pimenta, 2009). Passo fundamental na obra peirceana, este movimento está diretamente relacionado à adoção do Sinequismo ou da doutrina da continuidade como pedra angular de sua estrutura filosófica, à definição da Razoabilidade como fluxo universal que abrange a cognição humana mas que de nenhuma forma se limita a ela e, finalmente, ao conceito de Falibilismo como teoria do conhecimento baseada em hipóteses sujeitas a testes e revisão em detrimento das categorias *a priori* e da rígida distinção entre conhecimento analítico e sintético (Santaella, 2002).

Ao contrário de Kant, em Peirce as leis da cognição não são condições *a priori* exclusivas do ser humano, mas leis da própria natureza. Peirce reconhece a realidade dos universais e da Terceiridade

como elementos estruturais da realidade (Pimenta, 2009). O conhecimento objetivo é possível não por categorias rígidas concebidas antes do processo perceptivo, mas por uma conaturalidade entre leis da mente e da natureza, que coexistem num *continuum* cósmico (Salatiel, 2020).

O processo de criação e interpretação de signos, a semiose, não é exclusivo dos seres humanos, mas é uma característica fundamental de toda a realidade. Os signos e os processos de significação não se limitam à mente humana, mas estão presentes em todos os níveis da natureza. Isso implica que o pensamento e a racionalidade não são prerrogativas humanas, mas que fazem parte de um processo universal mais amplo (Pimenta, 2015).

De acordo com o próprio Peirce, “Kant apresenta a visão errada de que as ideias são apresentadas separadamente e depois reunidas pela mente” (CP 1.384, tradução própria) enquanto, na realidade, não existe separação rígida entre o externo e o interno, o que existe são graus de articulação dos processos cognitivos. Ao isolar de forma tão definitiva a realidade, o nominalista “criou a tão frequentemente mencionada ‘desproporção entre a mente e a coisa em si’” (CP 8.30, tradução própria).

Kaag (2014) aponta que em Peirce, a continuidade, ou seja, a possibilidade de ordenação dos elementos sensíveis, é o resultado do próprio processo dinâmico do mundo no qual a mente humana é apenas uma entre tantas manifestações. Ainda de acordo com o autor, nesta visão sinequista, as coisas em si mesmas refletem uma ordem e um tipo de agência que são completamente compatíveis com a ordenação da mente humana e, de fato, servem como o *sine qua non* da lógica formal e da cognição. Salatiel (2020) reforça que Peirce se afasta de Kant e constrói uma filosofia fundada em uma cosmologia cósmica evolucionária, muito além das propostas fundamentadas no sujeito e em harmonia com as evidências empíricas da ciência de sua época.

O contínuo é definido por Peirce como alguma coisa que possui tantas possibilidades de determinação que nenhuma quantidade de individuais pode exaurir (CP 6.169-170). Portanto, a generalidade é uma das características dos processos contínuos, visto que a continuidade resulta da generalidade perfeita de uma lei de relação (CP 6.172). Esta generalidade dos fenômenos, que possibilita a ideia de continuidade, é concebida por Peirce, em última instância, como Razoabilidade, ou razão da natureza, uma espécie de pensamento universal muito mais amplo que a cognição humana, mas do qual esta cognição faz parte e compartilha seus princípios fundamentais. A ideia de mente, ou cognição, está, portanto, diretamente relacionada ao conceito de Razoabilidade ou mente universal. Santaella (2002) diz que o Pragmaticismo de Peirce depende do sinequismo e que o sinequismo está baseado no realismo. Portanto, Pragmaticismo, sinequismo e realismo formam todos uma só peça.

Assim, Peirce rejeita o dualismo cartesiano que separa a mente do corpo e do mundo físico. A mente deixa de ser uma entidade separada que tem um acesso especial à verdade ou à racionalidade. Em vez disso, a mente é vista em relação de continuidade com o mundo natural, e a racionalidade é um processo que ocorre tanto dentro como fora dos seres humanos. Essa abordagem dilui a ideia de que os seres humanos são fundamentalmente excepcionais em sua capacidade de raciocinar.

Portanto, para Peirce, o universo está imbuído de racionalidade ou lógica, e nossas ideias ou signos estão em um processo constante de interpretação e ajuste em relação à realidade. Como processos, o pensamento e o significado estão sempre em evolução e não formam estruturas fixas *a priori* como propõe a filosofia kantiana. O significado, em Peirce, é algo que emerge e se desenvolve no tempo e em interação com hábitos de pensamento mais que humanos. Além disso, ele propõe que a verdade não está condicionada por estruturas mentais individuais, mas que é alcançada através de um processo de indagação coletiva (Pimenta, 2016).

A partir da pista peirciana, é possível pensar no enigma de Schultes não mais como um mistério onde mentes isoladas umas das outras significam um mundo também apartado, mas, agora, sob a perspectiva de um processo contínuo e relacional de significação que pode gerar, em seu processo evolutivo, um sem-fim de possibilidades interpretativas. Essa é a mudança essencial do paradigma do sujeito transcendental para o paradigma das relações semióticas.

No entanto, o núcleo do mistério de Schultes se mantém insolúvel: apesar da perspectiva sinequista, de uma cognição contínua que possibilita a existência de relações mais diversas entre os sujeitos e o mundo, o que explicaria a capacidade dos nativos ameríndios de identificar sensivelmente elementos concretos inacessíveis para o etnobotânico? Nossa pista nos leva para um aprofundamento do conceito de semiose a partir das categorias fundamentais da cognição e para o desdobramento da perspectiva do sensível e da estética em Peirce.

4 Semiose, cognição e a ampliação das bases estéticas

Na *Crítica da Faculdade do Juízo* (1790), Kant opera a separação entre o sujeito transcendental e o entorno natural, incluindo seu corpo, a partir da figura do artista ou gênio e do juízo estético de um espectador ilustrado, capaz de apreciar o sublime, o suprasensível e o belo. Esse distanciamento da “Natureza”, característico da separação ocular do sujeito e do objeto, seria predominante na estética ocidental e nas experiências sensíveis dos ocidentais. Em Kant, o juízo estético está separado do mundano, do cotidiano, do entorno natural.

Já em Peirce, a estética é uma ciência normativa assim como a lógica e a ética. No ideal estético para Peirce não opera a noção de beleza, mas de *kalos*, que é o que é admirável em si mesmo: um sentimento razoável. A sensibilidade, nesse sentido, não é apenas uma questão de sentir, mas de pensar, experiências intrinsecamente associadas (Santaella, 1994). Neste sentido, a realidade e a percepção estão profundamente inter-relacionadas e nossa compreensão do mundo é moldada por uma interação contínua e dinâmica com nosso entorno, do qual não estamos separados. Como já vimos, em Peirce nós sentimos e pensamos no e com o mundo.

Essa interdependência se reflete nas categorias peirceanas. A Primeiridade, relacionada à estética, refere-se à qualidade do ser em seu estado mais puro e imediato. É a base da cognição porque a experiência estética é o encontro imediato com qualidades que não dependem de relações externas. Antes de analisar ou refletir, somos impressionados por algo e esse impacto inicial fornece a matéria-prima para os processos cognitivos subsequentes (Santaella, 1994).

A Secundidade surge como a categoria da ação e da relação. Se na Primeiridade lidamos com possibilidades puras, na Secundidade enfrentamos interações com algo distinto, um “outro” que oferece resistência ou resposta. Aqui, a experiência configura-se em termos de ações e reações.

A Terceiridade, categoria da mediação e interpretação, relaciona a Primeiridade e a Secundidade. É onde encontramos a lógica, a linguagem, os signos e as regras que permitem a interpretação e a generalização. A Terceiridade transforma a experiência inicial em algo compreensível e comunicável.

Aqui, propomos que, se a estética é a base da cognição e todas as demais categorias dependem dos elementos sensíveis que nos chegam pelos sentidos, qualquer ampliação dessas possibilidades sensoriais impacta diretamente nossas capacidades lógicas de significação do mundo. A expansão da assimilação de elementos sensíveis é, virtualmente, a expansão de nossa capacidade de significar e compartilhar essas articulações significativas. A partir dessa base de Primeiridade, a Secundidade surge como a categoria da ação, da relação e da resistência. Se na Primeiridade estamos lidando com possibilidades puras e qualidades imediatas, na Secundidade estamos lidando com a interação dessas qualidades com algo que é distinto e independente. Aqui, a experiência começa a se configurar em termos de dicotomias, de ações e reações, de causa e efeito.

Por fim, a Terceiridade, que se refere à categoria da mediação, da interpretação e da lei, desenvolve-se como um processo que liga a Primeiridade e a Secundidade. É na Terceiridade que encontramos a lógica, a linguagem, os signos e as regras que permitem a interpretação e a generalização. A Terceiridade transforma a experiência inicial e imediata em algo que pode ser compreendido, comunicado e usado para prever ou controlar experiências futuras.

Aqui, chegamos no que talvez seja a proposta central da nossa especulação hipotética sobre o enigma de Schultes. Se a estética é a base ou o *ground* da cognição e todas as demais categorias, inclusive a Terceiridade, são dependentes dos elementos sensíveis que nos chegam através dos órgãos dos sentidos, qualquer expansão dessas possibilidades de assimilação do sensível tem potencial de impactar diretamente as nossas capacidades lógicas de significação do mundo. A expansão da capacidade de assimilação de elementos sensíveis do mundo é virtualmente a expansão da nossa capacidade de significá-lo e compartilharmos essas articulações significativas com nossos pares a partir de categorias gerais.

Podemos pensar esta hipótese a partir das duas primeiras proposições afiadoras, ou cotárias, de Peirce (Ibri, 1992). A primeira, parte da afirmação aristotélica de que nada há no intelecto que não tenha primeiramente estado nos sentidos. Se essa afirmação é verdadeira, a qualidade e a quantidade de informação que nos chega via sentidos devem impactar proporcionalmente a qualidade e a quantidade de informação que subsiste no intelecto nas articulações lógicas. A segunda formulação cotária afirma que proposições universais podem ser deduzidas de juízos perceptivos individuais, porque estes juízos contêm em si elementos gerais. Neste sentido, seria possível chegar a conclusões lógicas universais, comuns e compartilháveis, a partir de perspectivas pessoais do mundo.

É possível inferir, portanto, que uma hipótese que nos faria avançar no mistério proposto por Schultes estaria relacionada ao fato de que os nativos sul-americanos poderiam ter, potencialmente, percepções sensíveis do mundo mais amplas que Schultes nos contextos descritos. Neste sentido, eles acessariam elementos sensíveis da espécie *Banisteriopsis caapi*, sejam eles elementos táteis, visuais, sonoros ou olfativos, que estariam inacessíveis para o etnobotânico. Como estes elementos são constitutivos da base do processo da semiose ou da cognição, eles potencializariam as articulações de significado e de classificação conceitual destas espécies pelos nativos.

A segunda proposição cotária de Peirce reforça a ideia de que o entendimento dos nativos sobre o mundo, mesmo que baseado em experiências subjetivas e sensoriais, poderia resultar em verdades compartilháveis. O fato de os indígenas acessarem informações sensíveis do mundo de forma distinta não os tornaria menos racionais ou precisos em suas observações. Ao contrário, essas percepções poderiam carregar elementos gerais, universais, que Schultes poderia ter ignorado por conta de alguma limitação de assimilação dos elementos estéticos constitutivos do objeto em questão.

5 A Ayahuasca como artefato cognitivo de expansão da experiência estética: uma possível conclusão para o enigma

Se esta hipótese se mostra promissora, podemos questionar quais variáveis explicariam essa diferença na assimilação sensível entre os personagens do enigma. Aqui, recorreremos ao conceito de artefato cognitivo proposto por Clark e Chalmers, em *The Extended Mind* (1998), e às articulações de Queiroz (2021) entre esse conceito e o Pragmaticismo de Peirce para propor, de forma ainda incipiente, que a Ayahuasca pode ser interpretada como uma comunidade de agentes especializados que acoplados a cognição humana podem potencializar a assimilação sensível dos elementos do mundo e aumentar suas capacidades interpretativas.

Clark e Chalmers (1998) argumentam que o processo cognitivo está intrinsecamente integrado a sistemas motores e perceptivos, artefatos biológicos, não biológicos e a ambientes sociotecnológicos. Essa tese contrasta com perspectivas cognitivistas clássicas, desdobrando-se nos conceitos de cognição distribuída, situada e incorporada.

Segundo essa perspectiva, o organismo humano está continuamente conectado a entidades externas em uma interação multidirecional, criando sistemas acoplados que podem ser vistos como um estruturas

cognitivas únicas. Neste sentido, remover componentes externos diminui o potencial do sistema como um todo, assim como remover partes do cérebro.

Seguindo a linha teórica explorada nesta investigação especulativa, adotamos a perspectiva de Queiroz (2021), que argumenta que Peirce pode ser visto como um precursor do externalismo cognitivo e das teorias de situacionalidade e cognição distribuída. Segundo o autor, Peirce não compartimenta os processos cognitivos e semióticos em domínios e subdomínios isolados. Em vez disso, sua tese integra cognição, experiência situada, ação dos signos e realidade em uma única estrutura teórica.

A ideia de artefato é fundamental para os conceitos de cognição distribuída e situada. Artefatos cognitivos são estruturas físicas que exteriorizam e distribuem processos cognitivos (Norman, 1993; Hutchins, 1995; 2014). No entanto, a semiótica de Peirce exige que a noção de artefato cognitivo seja vista a partir de premissas específicas. Ela se fundamenta em uma epistemologia e uma ontologia de processos, em vez de substâncias. Assim, um artefato semiótico deve ser entendido como um processo, e não como uma entidade material estática ou uma “coisa”.

Portanto, se tomamos a proposta de Queiroz (2021), para pensarmos os artefatos cognitivos a partir de Peirce, devemos considerar, como já reforçamos no decorrer deste texto, que a cognição é semiose. Com essa perspectiva podemos pensar as instâncias de cognição como artefatos semióticos, ou seja, como processos distribuídos e contínuos e não como algum tipo de artefato materializado em determinado local e momento no tempo e no espaço. A semiose estaria em comunidades de agentes em um universo impregnado de signos em ação.

Uma infusão de Ayahuasca geralmente consiste em dois componentes vegetais: a *Psychotria viridis* e a *Banisteriopsis Caapi*. A *Psychotria Viridis* contém N,N-DMT, também conhecido como DMT, e a *Banisteriopsis Caapi* contém β -carbolinas. Embora o DMT seja psicoativo quando fumado ou infundido por via intravenosa, quando ingerido por via oral, ele é degradado pela enzima *monoamina oxidase* no estômago, anulando suas propriedades psicoativas. As β -carbolinas, quando presentes na infusão de Ayahuasca, atuam para prevenir a degradação do DMT no estômago. Assim, os efeitos psicotrópicos da bebida são o resultado da combinação específica e oportunística de dois agentes, representantes de duas diferentes espécies vegetais (Ruffell *et al.*, 2020).

Evidências apontam que o DMT e as β -carbolinas afetam as vias serotoninérgicas, alterando o funcionamento cerebral padrão. A ingestão de Ayahuasca modifica as oscilações corticais, fundamentais para o funcionamento do sistema nervoso, influenciando áreas do cérebro envolvidas na cognição, consciência e processamento emocional (Grieco *et al.*, 2022). Além dessas mudanças neurológicas, um estudo conduzido por Aday *et al.* (2024) sugere que a Ayahuasca pode levar a alterações significativas na experiência estética. Ao investigarem facetas da experiência estética afetadas pelo consumo de Ayahuasca, os pesquisadores concluíram que a autopercepção da “riqueza” da experiência estética aumentou após o uso da bebida.

Estes estudos podem apoiar a hipótese de que a Ayahuasca pode ser entendida como uma comunidade de agentes especializados em interação contínua – o DMT, a β -carbolinas e seus derivados – que, acoplados a cognição humana por meio da ligação com receptores do grupo 5-HT, podem potencializar a assimilação sensível dos elementos do mundo, promover experiências estéticas mais “ricas” e influenciar diretamente as capacidades cognitivas de desenvolver articulações lógicas e interpretativas mais amplas sobre objetos do mundo.

Podemos apontar, como conclusão da investigação especulativa do enigma de Schultes, que o uso contínuo e ancestral da Ayahuasca pelos nativos sul-americanos funcionou como um artefato cognitivo que ampliou as possibilidades de assimilação dos elementos sensíveis, permitindo-lhes formular conceitos sobre a *Banisteriopsis Caapi* inacessíveis a Schultes.

Referências

- ADAY, J. S. *et al.* Increases in aesthetic experience following ayahuasca use: a prospective, naturalistic study. *Journal of Humanistic Psychology*, v. 0, n. 0, 2024. <https://doi.org/10.1177/00221678241230609>
- BAUMGARTEN, A. G. *Aesthetica*. [S.L]: Kleyb, 1750.
- CARHART-HARRIS, R. L.; GOODWIN, G. M. The therapeutic potential of psychedelic drugs: past, present, and future. *Neuropsychopharmacology*, v. 42, p. 2105-2113, 2017. <https://doi.org/10.1038/npp.2017.84>
- CLARK, A. *Being there: putting brain, body, and world together again*. Cambridge: MIT Press, 1997.
- CLARK, A.; CHALMERS, D. The extended mind. *Analysis*, v. 58, n. 1, p. 7-19, 1998. <https://doi.org/10.1093/analys/58.1.7>
- CLARK, A. *Natural born cyborgs: minds, technologies, and the future of human intelligence*. Oxônia: Oxford University Press, 2003.
- GRIECO, S. F. *et al.* Psychedelics and neural plasticity: therapeutic implications. *Journal of Neuroscience*, v. 42, n. 45, p. 8439-8449, 2022. <https://doi.org/10.1523/JNEUROSCI.1121-22.2022>
- IBRI, I. *Kósmos Noetós: a arquitetura metafísica de Charles S. Peirce*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva e Hólon, 1992.
- HOFMANN, A.; SCHULTES, R. E. *Plants of the Gods: their sacred, healing, and hallucinogenic powers*. New York: McGraw-Hill, 1979.
- KAAG, J. *Thinking through the imagination: aesthetics in human cognition*. New York: Fordham University Press, 2014.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. Petrópolis: Vozes, 2015.
- KANT, I. *Crítica de la facultad de juzgar*. Trad. J. L. Pérez. [S.L]: Editorial ABC, 1970.
- PEIRCE, C. S. *Collected papers of Charles Sanders Peirce*. Ed. by: C. Hartshorne & P. Weiss (v. 1-6); A. Burks (v. 7-8). Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-58. Volume 8. CP, seguido dos números do volume e do parágrafo.
- PIMENTA, F. J. P. *Indeterminação; o “Admirável”; a Crescente Comunicabilidade*. FAMECOS, Porto Alegre, v. 16, n. 38, p. 37-43, 2009. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2009.38.5299>
- PIMENTA, F. J. P. A hipótese da Comunicação também como ciência da vida. *Questões Transversais*, v. 3, n. 6, jul./dez., 2015.
- PIMENTA, F. *Ambientes multicódigos, efetividade comunicacional e pensamento mutante*. 1. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2016.
- QUEIROZ, J. Peirce’s externalism and the semiotic mind: a pragmaticist approach to cognitive science. *Sig-ns*, v. 1, n. 1, p. 37-50, 2021.
- QUEIROZ, J.; FARIAS, P. Semiosis and pragmaticism: towards a peircean view of cognitive artifacts. *Cognitive Semiotics*, v. 10, n. 2, p. 32-48, 2017.
- ROMANINI, V. A contribuição de Peirce para a Teoria da Comunicação. *CASA*, v. 14, n. 1, 2016, p. 13-56, 2018. <https://doi.org/10.21709/casa.v14i1.8082>
- RUFFELL, S. *et al.* The pharmacological interaction of compounds in ayahuasca: a systematic review. *Brazilian Journal of Psychiatry*, v. 42, n. 6, p. 646-656, 2020. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2020-0884>
- SALATIEL, J. P. Realismo escolástico e a continuidade em Peirce. *Revista de Filosofia*, v. 12, n. 3, p. 170-180, 2020.
- SANTAELLA, L. *Estética de Platão a Peirce*. São Paulo: Experimento, 1994.

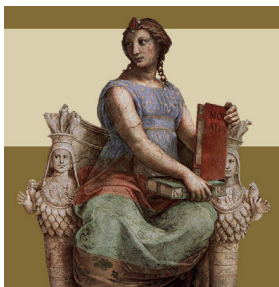
SANTAELLA, L. Os significados pragmáticos da mente e o sinequismo em Peirce. *Cognitio*, São Paulo, n. 3, p. 97-106, jan. 2002.

SANTAELLA, L. Por que a semiótica de Peirce também é uma teoria da comunicação. *Cuadernos de la Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales - Universidad Nacional de Jujuy*, n. 17, p. 415-422, 2001.

SCHULTES, R. E. Recognition of variability in wild plants by Indians of the Northwest Amazon: an enigma. *Journal of Ethnobiology*, v. 6, n. 2, p. 229-238, 1986.

SCHULTES, R. E.; RAFFAUF, R. F. *El bejuco del alma*: Los médicos tradicionales de la Amazonia colombiana, sus plantas y sus rituales. Bogotá: Fondo de Cultura Económica, 2004.

SCHULTES, R. E. *Hallucinogenic plants*: a golden guide. Ilustrações de Elmer W. Smith. New York: Golden Press, 1976.



COGNITIO

Revista de Filosofia
Centro de Estudos de Pragmatismo

São Paulo, v. 26, n. 1, p. 1-12, jan.-dez. 2025
e-ISSN: 2316-5278

 <https://doi.org/10.23925/2316-5278.2025v26i1:e69323>